



Ano de muitas chuvas

Maior índice desde 2002

Levantamento mostra que ano passado teve maior índice de precipitações dos últimos sete anos

FELIPE RODRIGUES
Da Gazeta de Piracicaba
felipe.rodrigues@gazetadepiracicaba.com.br

●●●● O índice médio anual de precipitações pluviométricas em 2008 colocou o ano como o mais chuvoso desde 2002. O levantamento é apresentado pelo professor Nilson Villa Nova, do departamento de Ciências Exatas da Esalq (Escola Superior de Agricultura 'Luiz de Queiroz'). Com 1.396 milímetros de chuva durante os 12 meses do ano passado, o número só é inferior a 2002 nesta década, quando o índice de precipitações pluviométricas alcançou os 1.459 milímetros.

Acima da média histórica anual (que é de 1.276 milímetros), o bom número se deve em grande parte aos níveis de precipitações de janeiro de 2008, quando choveu o equivalente a 418,5 milímetros, maior índice de chuva neste período desde 1917, ano que marca o início do levantamento apresentado por Villa Nova. Para se ter ideia da quantidade de chuva média no primeiro mês de 2008, a precipitação de janeiro representou cerca de 30% do que choveu durante o ano.

Em julho aconteceu o menor índice de precipitação pluviométrica dos últimos 12 meses, quando não houve registro de chuvas, fato que não acontecia desde 1988. No balanço geral do ano passado, cinco meses ficaram com índices acima das médias históricas mensais (janeiro, abril, maio, junho e agosto) - e os outros sete ficaram com números inferiores. Abril foi o segundo mês mais chuvoso de 2008, com 174 milímetros, maior índice desde 1983, e o quarto mês de abril com mais chuvas desde 1917.

O professor destaca que este aumento na média anual se deve à quantidade de chuvas localizadas causadas por conta do calor. São as 'chuvas de verão' ou 'localizadas', provocadas pela intensa evapotranspiração de superfícies úmidas e aquecidas (como florestas, cidades e oceanos tropicais). O ar ascende em parcelas de ar que se resfriam de forma praticamente adiabática (sem trocar calor com o meio exterior) durante sua ascensão. "São pequenas áreas em que acontecem as chuvas, de forma muito rápida", diz Villa Nova.

O professor não gosta de dar um tom alarmista quando se fala em meio ambiente e aque-

cimento global, por conta das chuvas. "Isso não ajuda". A instabilidade climática, explica, é momentânea e resultado de fatores como o rompimento das placas tectônicas que aqueceram a água do Pacífico Sul. O pesquisador entende que o atual nível de CO2 faz com que se pense em uma variação climática mais duradoura e a longo prazo, que pode comprometer o meio ambien-

te daqui há 50 anos. "Existem estudos comprovados de que o mesmo teor de gás carbônico provocado pela poluição dos carros e queimadas já existiram na atmosfera, há mais de mil anos. Isso dá mostras de que a Terra já superou esse tipo de problema", avalia.

● **VARIABILIDADE.** Para ilustrar esse quadro em que variabilidades climáticas se alternam a

períodos mais calmos, dados sobre precipitações pluviométricas tabulados pela Esalq mostram, por exemplo, que em janeiro e fevereiro de 1973 não choveu uma gota sequer, o que tornou este ano um dos mais secos da história. Dez anos depois, em 1983, aconteceu o ano mais chuvoso desde que a medição teve início, em 1917, com 2017 milímetros de chuva durante os 12 meses.



Christiano Diehl Neto

Tempo permanece instável